



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 12 | Nº. 23 | Jul./Dez. de 2020

**Edcarlos da Silva Araújo**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN.*

historiadoraraujoed@gmail.com

# NOTAS SOBRE A DEMARCAÇÃO DO PASSADO NO ESPAÇO URBANO: o caso das estátuas de Albert Einstein e Belchior em Sobral- CE.

---

## RESUMO

Este artigo estuda a presença de marcas do passado no espaço urbano, evidenciando instrumentos políticos que viabilizam a inserção dessas marcas e como elas se relacionam com o espaço. Tomando como campo de análise o espaço do sítio histórico da cidade de Sobral-CE, através da inclusão das estátuas do físico Albert Einstein e do músico Belchior, figuras que se ligam a história da cidade por eventos de outrora.

**Palavras-chave:** Estátuas. Memória. Passado.

## NOTES ON THE DEMARCATION OF THE PAST IN URBAN SPACE: the case of the statues of Albert Einstein and Belchior in Sobral-CE.

---

## ABSTRACT

This article to the study of the presence of marks from the past in urban space, highlighting political instruments that enable the insertion of these marks and how they relate to space. Taking as a field of analysis the space of the historical site of the city of Sobral-CE, through the inclusion of statues of physicist Albert Einstein and musician Belchior, figures who are linked to the city's history by past events.

**Keywords:** Statues. Memory. Past..

## Introdução

Propomos discutir como momentos do passado são apresentados no presente como símbolos prontos para reativar memórias e estabelecer novas formas de apropriação, entre o espaço e as pessoas que o ocupam. Tomamos como campo de estudo elementos erigidos no sítio histórico da cidade de Sobral-CE, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1999, compreendendo o conjunto urbano do centro da cidade como área de interesse para a preservação, pela representação das marcas dos processos de ocupação e evolução do sertão nordestino, com exemplares materiais dos séculos XVIII, XIX e XX. É a partir do tombamento que se iniciam, em Sobral, ações do poder público no intuito de preservar, valorizar e difundir o patrimônio. Entendemos a Prefeitura Municipal de Sobral, por meio de seus gestores, ao longo de pelo menos vinte anos, de 1999 até os dias atuais, foram os principais agentes nesse processo de reelaboração do espaço urbano local.

Criando uma nova configuração para o espaço e ao mesmo tempo formulando uma concepção de patrimônio e de história que pode ser percebida nas motivações que precedem as ações de realização de obras de requalificação das praças e passeios, restauro de igrejas e outras edificações mais antigas do local, criação de equipamentos culturais, como museus e o Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral, fundada em 2007, incentivos à produção artística e a formação profissional através de cursos nas diversas linguagens artísticas, até a implementação de estátuas em praças públicas, que são o foco em nosso recorte de análise, pois visamos entender como essas estátuas podem e tem o papel de mediar a relação do passado e do presente com os indivíduos que percorrem a cidade, tomando como base as ideias de Viana (2012).

No caminhar metodológico desse texto procuramos seguir alguns pontos que nos levam a compreender a dimensão da problemática da presença das estátuas nos espaços públicos, começando por uma avaliação a partir da discussão sobre esse tipo de monumento, que em 2020, ganhou grandes proporções chegando a derrubada de estátuas de figuras de passado genocida, levando a questão para um debate global sobre o tema. Em seguida, analisamos os sentidos que se criam para os espaços, tomando especificamente o caso da cidade de Sobral, percebendo como se investe na produção do espaço urbano com intenções de produzir determinados significados sobre ele. Para, por fim, podermos entender o que as figuras de Albert Einstein, proponente da Teoria da Relatividade Geral, publicada na segunda década do século XX, assim

revolucionando a nossa compreensão sobre a ciência e o universo, assim como Belchior, grande cantor e compositor brasileiro, fazem nas praças de Sobral.

### **Questões sobre a manutenção de ícones no espaço urbano: 2020 o ano que tombou estátuas.**

Como aponta Lúcia Lippi Oliveira (2002) os bens materiais erguidos nas cidades, incluindo os monumentos, bustos, as estátuas e outros fazem com que o espaço em que estão inseridos adquira uma dimensão simbólica, alterando assim a dinâmica do local e propondo novas formas de interação social com o espaço e com o objeto, atuando assim na construção de identidades. Uma dinâmica que tem se alterado nas últimas décadas e que hoje chega até nós com mais força pelos veículos de imprensa e pela internet com maior facilidade, como no caso que registramos a seguir, temos uma noção da potencialização das informações sendo transmitidas em um curtíssimo espaço de tempo e gerando reações em cadeia em vários lugares do mundo.

Em 2020, a presença das estatuas em praças públicas fez parte de um importante debate a respeito do que talvez possamos chamar de uma ação de redefinição do patrimônio nas palavras de Ocón (2020), uma vez que as estátuas são formas de lembrar e registrar o passado, privilegiando cenas, erguendo heróis e definindo mártires. No entanto, como definir aquilo que será marcado no espaço público de forma permanente? Quem decide que estátua será posta ou não? Há formas de reescrever memórias e dar outro olhar aos discursos criados ao longo do tempo sobre acontecimentos históricos, moldando uma nova forma de interação entre aquilo que as sociedades definem como sua herança cultural?

Nossa mais recente motivação para a realização dessas perguntas vem do episódio da derrubada da estátua do escravocrata britânico Edward Colston que trabalhava para a *Royal African Company* no século XVII, tendo sido responsável direto pelo tráfico de milhares de pessoas da África Ocidental para à escravidão na América do Norte e no Caribe, sua estátua foi ao chão da cidade inglesa de Bristol e depois jogada no rio em 11 de junho de 2020, por manifestantes do movimento antirracista *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam)<sup>1</sup>, em um ato de repúdio a um símbolo do passado que

---

<sup>1</sup> A morte brutal do afroamericano George Floyd, um homem negro de 46 anos, por um policial branco na cidade de Mineápolis em 25 de maio de 2020 nos Estados Unidos, deflagrou o movimento antirracista *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), que se espalhou por todo o mundo, gerando intensas reações em defesa da manutenção da vida da população negra.

propagou violência e opressão ao povo negro. Nos questionamos porque manter uma estátua de um escravocrata em praça pública?

Alexandre Avelar (2020)<sup>2</sup>, contextualiza o fato de que esse tipo de iniciativa iconoclasta muito já ocorreu na história, seja com o exemplo dos revolucionários franceses que derrubaram símbolos da antiga ordem, ou com o movimento *Rhodes Must Fall* (Rhodes deve cair), que solicitou a retirada da estátua do colonizador Cecil Rhodes da Universidade da Cidade do Cabo, ocorrido na África do Sul em 2015, ainda para nos dar um exemplo mais próximo o autor cita a pichação do Borba Gato, o famoso bandeirante, em 2016, no Brasil.

Nesse sentido, como aponta Santiago Júnior (2020)<sup>3</sup>, essa é uma querela que parece ter vários lados, mesmo entre os historiadores, enquanto uns levantam bandeiras em prol da manutenção das estátuas pensando em torná-las um elemento crítico, outros podem propor a derrubada de todo objeto que traga consigo um passado genocida, erguendo novos ícones que possam contar a história a partir de outras visões.

O autor supracitado incomoda seus pares levantando o seguinte problema: de que formas os historiadores, conhecidos pelo seu esmero a artefatos do passado, mesmo que vejam como importante a derrubada de estátuas como a de Edward Colston, ainda assim se aborrecem com a destruição do patrimônio?

A situação é tenaz, porém sabemos que o monumento erguido não é a história, ele é uma marca do tempo em que foi levantado. Por isso, como aponta Avelar (2020), a mutilação desses artefatos não ressoa num apagamento da história, pelo contrário, faz ser visível ainda mais os conflitos políticos e culturais de um período.

Por isso, é necessário desconfiar das estátuas e fazer assim como Ray Bradbury<sup>4</sup> (1920-2012), já nos indicou ser necessário, sempre questionar e investigar o porquê das coisas existirem e serem como são. Em nossa postura enquanto historiador sabemos que a derrubada, seja de qual for a estátua, não fará com o que o passado e a história daquele objeto desapareçam, isso não faz com que as histórias sumam, pelo contrário, trará novos entendimentos do que se vive em sociedade. Como Alexandre

---

<sup>2</sup> Ensaio: "A educação pela derrubada". Disponível em: <<https://hmagazine.com.br/a-educacao-pela-derrubada>> Acesso em 07/01/2021.

<sup>3</sup> Ensaio: "A derrubada, a perspectiva e o antirracismo: sobre monumentos caídos". Disponível em: <<https://hmagazine.com.br/a-derrubada-a-perspectiva-e-o-antirracismo-sobre-monumentos-caidos/>> Acesso em 07/01/2021.

<sup>4</sup> Ray Bradbury é um dos mais importantes autores de histórias de ficção científica do século XX, tendo escrito obras, como *The Martian Chronicles* (1950), *Fahrenheit 451* (1953), dentre outras.

Avelar (2020) colocou, quando se derruba ou se ressignifica uma estátua, não está se falando apenas do passado, mas talvez muito mais sobre o presente.

E assim como o ato da derrubada tem seus significados, o ato de erguer um monumento também instaura a presença de uma memória que em tese está ali agora para se tornar perpétua, com valores que em suma devem representar uma homogeneidade social e cultural de um grupo ou classe, o que consequentemente diz muito sobre quem os ergueu (AVELAR, 2020).

Em nosso caso evocamos o princípio de que o historiador deve problematizar as apropriações e representações sociais que se criam como os objetos tidos como patrimônio cultural, como diz Ricardo de Aguiar Pacheco (2017), percebendo e na medida do possível, participando da seleção desses elementos representativos na definição de que passados eles trazem à tona, que memórias pretendem evocar, portanto: “Trata-se de identificar que versão do passado um grupo social desejou consolidar em seu tempo presente” (PACHECO, 2017 p. 13). É papel do historiador provocar a reflexão crítica desses bens e dessas histórias, afim de tensionar a comunidade que cerca o objeto.

### **Elaborando sentidos para os espaços.**

Se pensarmos próximo as ideias de Michel Bonetti (1999), quando falamos de um sistema de gestão de urbanização, estamos falando da forma com que se produz identidades e culturas urbanas, pelas práticas e pelo simbolismo agregado à organização do espaço urbano. Através das funções de objetos, obras e serviços implementados pelos agentes do poder público que pensam entre outras coisas na melhoria da qualidade de vida dos habitantes, conseguimos ter evidências das ações simbólicas que tais instrumentos podem representar. Essa força simbólica advém de interesses políticos que determinado grupo deseja conferir a bairros específicos e seus moradores.

Vamos pensar melhor sobre isto tendo em mente o caso de Sobral, pois sendo assim, os equipamentos culturais e o serviços prestados no sítio histórico da referida cidade, incluindo além de todas as obras de requalificação do espaço urbano, a implantação de estatuas que representam ícones que em algum momento participaram da história de Sobral, ligando suas trajetórias a memória criada pela administração pública, sabemos que essas marcas também apontam para variados interesses, no momento, tentamos nos situar na avaliação da presença das estátuas para entender a sua significação nas ruas de Sobral.

Compreendemos que os equipamentos ofertados pelos agentes públicos, sejam eles, voltados para educação, segurança, lazer, dentre outros, impulsionam a integração dos indivíduos de determinado bairro ou cidade, por exemplo, a partir das ligações que tem com esses espaços tendem a criar ligações entre si. Dessa forma, “Os equipamentos e os serviços operam, portanto, uma dupla mediação entre os habitantes, por um lado, entre eles mesmos e a sociedade, por outro.” (BONETTI, p. 38, 1999).

Dentro dessa agenda política de preservação do sítio histórico, temos alguns instrumentos que são utilizados para fazer com que a população se sinta parte integrada da história e valorize entre outras coisas a realização das obras, instrumentos que a Prefeitura implementou ao longo dos anos como forma de trazer o sentimento de comunhão e ligação entre o espaço urbano e as pessoas.

Um dos artifícios de operação desses interesses pode ser a instituição do Dia Municipal do Patrimônio de Sobral, implementado pela Lei nº 1110 de 23 de novembro de 2011, estabelecendo o dia 28 de outubro<sup>5</sup> de cada ano como marco. Mas o que significa ter um dia para o patrimônio no calendário sobralense?

No papel os sete artigos da Lei propõem mais do que o mero lembrete da data, colocando que o Poder Executivo poderá realizar eventos, seminários e debates em convênio com o IPHAN, Universidades e outras instituições públicas para discutir “[...] o sentido do tombamento e o sentimento de preservação” (SOBRAL, 2011), além de apontar que deveriam ser distribuídos gratuitamente materiais relativos à história de Sobral e sobre as ações de preservação e proteção da área tombada, expostos, por exemplo, em livretos organizados pelo IPHAN e pela Prefeitura.

No documento também é citado que nesse dia as escolas municipais de Sobral deveriam expor materiais sobre o patrimônio tombado, promovendo atividades, como: redações, gincanas, jogos, teatro entre outras formas, que levassem a reflexões sobre o dia: “A fim de cultivar e debater as diversas identidades presentes na história da cidade ao longo do tempo, possibilitando que a população da cidade conheça e reconheça os referenciais simbólicos do patrimônio material e imaterial da cidade de Sobral.” (SOBRAL, 2011)

Notadamente todas essas designações da Lei servem de força motora para o que estamos apontando, a intenção do poder público local em mediar a relação do

---

<sup>5</sup> O texto da Lei não menciona indícios para a escolha da data, toda via acreditamos que possa ser uma referência a Portaria nº 392, de 28 de outubro de 1999, publicada no Diário Oficial da União pelo Ministro de Estado da Cultura, Francisco Weffort, que homologa o tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Sobral.

passado e do presente em Sobral, viabilizando a realização de obras públicas de preservação das edificações e do traçado urbano, promovendo a ligação da história do lugar com a história de seus moradores atuais, e estabelecendo ícones pelas ruas da cidade para que sejam vistos como referências daquele lugar. A realização de eventos públicos sobre o patrimônio, de atividades escolares, a produção de materiais explicativos sobre o tombamento também servem como instrumentos que podem potencializar a junção e o entendimento dos habitantes sobre as mudanças que o local sofre no presente.

Dessa forma, tendo acontecido em novembro de 2019 a IV Semana do Patrimônio Cultural de Sobral é um dos exemplos mais recentes dessas iniciativas do poder público em discutir o patrimônio local com uma parcela da população. Esse evento teve caráter ainda mais especial por ser realizado em comemoração aos 20 anos de tombamento do sítio histórico de Sobral, trazendo como tema “Nosso jovem patrimônio: Lições e desafios”, que aconteceu de 26 a 29 daquele ano. O encontro teve como público alvo estudiosos do patrimônio, trabalhadores de instituições culturais, alunos e professores de universidades, bem como a população em geral interessada, as atividades estiveram voltadas principalmente para a discussão da preservação do patrimônio cultural sobralense, sejam as manifestações de caráter tangível ou intangível.

Foram realizadas ações em vários lugares do sítio histórico, como na praça e no Teatro São João, na Casa da Cultura, na Casa do Capitão-Mor, no Planetário, na Universidade Estadual Vale do Acaraú e no Museu Madi. Envolvendo estudiosos do assunto como os arquitetos e urbanistas Herbert Rocha, Campelo Costa e Romeu Duarte; antigos gestores locais como Clodoveu Arruda, Edilson Aragão e Cid Gomes, que reunidos puderam contar, através de sua visão, uma parte da história do patrimônio local, bem como expressar suas motivações e interesses com a preservação dos bens, em atividades como mesas redondas, rodas de conversa, mostra científica, exposições de fotografias, oficinas de desenho e observação.

O evento mobilizou e engajou o público em uma data extremamente significativa para seu patrimônio, no qual se pôde notar as inúmeras transformações que a cidade passou ao longo desses 20 anos de tombamento e suscitar ideias e projetos que ainda poderão vir nos anos seguintes.

Contudo, ainda que essas atividades impulsionem e fortaleçam o sentimento de pertença e integração estaríamos enganados se acreditássemos que essa é única faceta gerada em um processo de transformação urbana, parece-nos sensato apontar que as

inúmeras obras realizadas no centro de Sobral apresentam sentidos diferentes para as pessoas que habitam o sítio histórico. Não podemos imaginar que todas as pessoas vejam com bom grado as obras, ou que pensem apenas em seus benefícios futuros, inclusive pelo fato de que elas causam alguns transtornos, haja vista sua complexidade, que faz com que se chegue a imobilizar algumas áreas do local, como já evidenciamos.

Notamos essa situação, em 2015, durante a implantação dos blocos de concreto intertravados em substituição ao asfalto, nas ruas Coronel Rangel e Menino Deus, quando o jornal Diário do Nordeste, entrevistou moradores da região, colhendo opiniões para a matéria: 'Sobral Novo Centro' gera diferentes reações, publicada em 14 de fevereiro do ano citado anteriormente, na qual apontaram que muitos comerciantes e consumidores entendiam que a obra serviria para a melhoria da qualidade do espaço urbano, porém alguns não estavam satisfeitos, e uma das motivações do descontentamento vinda por parte dos comerciantes é que a obra com os blocos intertravados e o alargamento das calçadas prejudicaria o comércio, implicando numa diminuição das vagas de estacionamento nos locais, pois se diminuiria a largura das vias, afetando diretamente na chegada do público a seus estabelecimentos comerciais.

Outras características apresentadas pelas obras também impactam sobre a vida das pessoas no ambiente, sejam os inúmeros desvios de circulação do trânsito que tiveram que ser feitos ao longo da realização das obras, o acúmulo de detritos em frente as ruas e nas próprias calçadas, e ainda o desgaste temporário das fachadas das casas para a substituição da fiação de energia e internet, dentre outras.

Por outro lado, a matéria também apresenta uma fala de Clodoveu Arruda o então prefeito de Sobral, defendendo a necessidade das obras não apenas para a preservação e valorização do patrimônio, mas também como uma forma de “[...] tornar o Centro um local melhor, mais ordenado, agradável e mais propício aos bons negócios com a qualidade e conforto de um shopping.”<sup>6</sup> A pretensão em tornar a zona comercial do sítio histórico em um lugar parecido com um *shopping* à primeira vista nos soa estranha, mas entendemos que Clodoveu Arruda referiu-se principalmente sobre a comodidade e segurança que seria ofertada aos pedestres no espaço, devido ao alargamento das calçadas, bem como sua padronização.

Talvez 20 anos de tombamento e de ações realizadas no espaço, ainda seja um período de tempo curto para notarmos resultados dos fatores de integração social que

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/sobral-novo-centro-gera-diferentes-reacoes-1.1221006>> Acesso: 07/01/2021.



acontecem no sítio histórico de Sobral, mas se não podemos apontar que mudanças no comportamento das pessoas têm ocorrido, podemos apontar que ações estão sendo realizadas, e diga-se, de forma incessante, para promover essa ligação, instrumentos que fazem parte de um processo mnemônico poderoso, em que significados são projetados no espaço e em seus ocupantes, contudo, sabemos que muitas vezes os usos pensados para os espaços pelos arquitetos e urbanistas não se cumprem, e os grupos que ocupam determinadas regiões criam as suas próprias movimentações e percursos, dando novos significados, estabelecendo novas conexões com o local, como apontou Certeau (1998).

Apesar dos usos políticos e eleitorais que o grupo liderado por Cid Gomes tenha feito dessas edificações e do espaço urbano, não podemos reduzi-las a um mero instrumento político, de alguma forma, elas tornaram-se responsáveis por dar vazão a uma realidade que pode ser vista como contraditória, pois significou tanto algumas perdas como ganhos sociais, como demonstramos.

Uma das evidências que faz com que esse processo seja contínuo e parecer seguir um propósito é o fato de desde o ano do tombamento a administração pública ter ficado nas mãos do mesmo grupo político, e assim poder dar o prosseguimento das suas ações, tendo passado desde de 1997 de Cid Ferreira Gomes para Leônidas Cristino, depois para Clodoveu Arruda e mais recentemente a Ivo Gomes<sup>7</sup>, irmão de Cid, quando em 2016 venceu o pleito eleitoral pelo PDT, derrotando Moses Rodrigues (PMDB), Dr. Guimarães (PSDB) e Josy Vasconcelos (PSOL), e sendo reeleito em 2020, vencendo Oscar Rodrigues (MDB).

No final do primeiro ano do mandato de Ivo Gomes, foi criado o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural da cidade, através da Lei nº 1697 de 15 de dezembro de 2017, que também reestruturou o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural que havia sido criado em 2012 por Clodoveu Arruda, bem como instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial. Desde então o Conselho começou a atuar como um órgão colegiado permanente com princípio de assessorar e colaborar com a administração pública em assuntos relacionados ao patrimônio cultural, por exemplo, emitindo pareceres em pedidos para intervenções em bens protegidos.

---

<sup>7</sup>O atual prefeito, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará e tem mestrado pela Universidade de Harvard (EUA), foi procurador do município de Fortaleza, em Sobral foi Chefe de Gabinete do Prefeito e também Secretário de Educação; foi eleito deputado estadual em 2002, 2006, 2010 e 2014. Em 2013, assumiu como Secretário de Educação de Fortaleza, durante a gestão do Prefeito Roberto Claudio<sup>7</sup> e foi Secretário das Cidades, de janeiro a julho de 2015.

Tornando-se uma entidade reguladora do patrimônio local, promovendo, guiando e mediando os interesses do poder público e da sociedade com seus bens culturais.

O que nos faz perceber como a cada gestão as atividades relacionadas ao patrimônio cultural foram ainda mais se institucionalizando, com todo o aparato da administração pública guiando as ações com o patrimônio, seja na realização das obras, através de atividades como a Semana do Patrimônio ou erguendo novos monumentos pela cidade.

### **O que fazem Einstein e Belchior em Sobral? Figuras de um passado emblemático ganham suas versões em bronze e tomam as praças da cidade.**

O ano de 2019, especialmente, mudou o rosto sobralense, incluindo ícones em suas praças que fazem lembrar momentos e fatos importantes do passado de Sobral. Um dos eventos mais importantes ocorrido nesse ano além da comemoração dos 20 anos do tombamento, foi a comemoração do centenário do eclipse que comprovou a Teoria da Relatividade Geral proposta pelo físico alemão Albert Einstein, que em 29 de maio de 1919, sob o céu de Sobral, em um eclipse total do sol com duração de pouco mais de 5 minutos, mudou as estruturas de pensamento da física daí em diante.

Os céus de Sobral integram um marco que “[...] registra um dos acontecimentos que mais se destacaram na história de Sobral, na primeira metade deste século, a 29 de maio de 1919, às 8 horas e 56 segundos, com duração de 5 minutos e 28 segundos” (SOARES; GIRÃO, 1997, p. 133). Havia ocorrido um eclipse total do Sol “[...] fato que projetou Sobral, no cenário científico mundial e consagrou o nome do cientista alemão Albert Einstein, que teve comprovada sua teoria da relatividade” (SOARES; GIRÃO, 1997, p. 133).

Einstein não veio a Sobral, no entanto, uma Comissão de cientistas veio à cidade para estudar o fenômeno. Como marca desse momento está presente em Sobral um monumento inaugurado em 5 de julho de 1973, na comemoração dos 200 anos da cidade, existe também o Museu do Eclipse fundado em 1999, em comemoração aos 80 anos do eclipse e mais recentemente podemos ver a figura do físico por meio de uma escultura de bronze, posta na Margem Esquerda do Rio Acaraú, em comemoração do centenário do eclipse em 2019.

Desde 2018, a Prefeitura de Sobral vem desenvolvendo atividades voltadas para esse campo da ciência, tornando de 29 de maio de 2018 a 29 de maio de 2019 o ano municipal das ciências, porém a partir de março de 2019 as ações se intensificaram com

a reunião regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na qual foram realizadas conferências, mesas-redondas, painéis, lançamento de livros, além de uma Feira de Ciências para os estudantes da rede municipal, com relatos de experiências educacionais e sessões diárias de projeções científicas e de entretenimento no Planetário de Sobral. Entre os destaques da programação, estava a participação do professor da Universidade do Arkansas, nos Estados Unidos, Daniel Kennefick, que além de físico é especialista na história da Relatividade Geral de Einstein.

As comemorações do Centenário estenderam-se por todo o ano, com ações como visitas às cidades do Ceará nas quais os cientistas das expedições americanas e britânicas passaram, até chegar em Sobral, dentro das comemorações ocorreu a 30ª edição do Festival Internacional de Orquestras de Jovens Eurochestries de 28 a 30 de maio, o Centro de Convenções de Sobral também recebeu o Encontro Internacional Centenário do Eclipse de Sobral com palestras e painéis sobre Astronomia, Astrofísica, Relatividade Geral, Cosmologia e ainda lançamento de livros.

Foi lançado um selo comemorativo do Centenário do Eclipse de Sobral e realizado uma transmissão simultânea em Sobral e na Ilha do Príncipe, e no mesmo dia foi reinaugurado o Museu do Eclipse, com apresentação da Orquestra da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Pátio da Igreja do Patrocínio.

Além, das festividades já listadas outro ponto é de extrema relevância para o molde do novo rosto de Sobral, que surge a partir de 2019, pois se para Anne de Mondenard (1999, p. 110-111) a fotografia é “[...] uma testemunha privilegiada para conservar a memória de tudo que, sucessivamente, dá um novo rosto a cada cidade.” A figura de Albert Einstein estaria agora incrustada em solo sobralense, para ser vista e fotografada para a posteridade.

**Figura 1:** Estátua de Albert Einstein, na Margem Esquerda da Rio Acaraú.



**Fonte:** Gustavo Lopes Fotografias.

A escultura do cientista moldada em argila e fundida em bronze saiu das mãos de Murilo Sá Toledo, reconhecido em todo o país por seu trabalho, que dessa vez foi capaz de criar um Einstein de 130 quilos que está em exposição permanente na cidade. A novidade repercutiu por toda a região e chegou até mesmo à redação do jornal Folha de São Paulo, que em 25 de maio de 2019, publicou a matéria “Estátua de Einstein e museu querem que Sobral não se esqueça do eclipse de 1919”, escrita por Marcel Rizzo, e se de uma coisa Rizzo estava certo em seu texto é que as mãos que guiam a cidade, no momento, Ivo Gomes e sua equipe, realmente não querem que o povo sobralense se esqueça da história do eclipse ou talvez que essa história possa chegar a mais pessoas.

Pois, a própria intenção de se colocar essa imagem materializada na cidade ao ar livre para todos a verem e a sentirem já denota um sentido de popularização do assunto. Um habitante local ou até mesmo um turista que não conhecesse tal história certamente se questionaria o que aquela representação do físico alemão faz presente na Margem Esquerda de Sobral, uma cidade no sertão do Nordeste brasileiro. O que ele teria haver com o local?

O ato de colocar a estátua na Margem e não próximo ao Museu do Eclipse também nos conta sobre essa iniciativa de popularização do fato, tendo em vista que a Margem recebe um número maior de visitantes cotidianamente do que a Praça do Patrocínio, onde está o Museu do Eclipse e o Planetário de Sobral.

Esse ponto, nos remete ao denso artigo recentemente publicado por Marcelo Santos de Abreu, Guilherme Bianchi e Mateus Henrique de Faria Pereira, no periódico

Tempo e Argumento, 2018, em *Popularizações do passado e historicidades democráticas*, os autores dissertam entre outras coisas sobre as demandas pelo passado no presente e de formas de produção da história fora dos círculos especializados, tecendo questionamentos sobre a presentificação do passado nesses contextos não acadêmicos e sobre a proliferação de lugares possíveis de produção do conhecimento histórico.

Algumas constatações do texto nos interessa para a formação deste artigo, pois o fato de entenderem que “[...] a presença do passado e os sentidos históricos se ampliam e pluralizam, as formas de conhecimento se transformam, a história é ‘consumida’, os sujeitos a ele se articulam e a utilizam em seu cotidiano das mais variadas formas.” (ABREU; BIANCHI; PEREIRA, 2018, p. 282), também se aproxima do que buscamos demonstrar com os feitos que tem ocorrido em Sobral, após a sua patrimonialização, uma intensa propagação de ícones e de dispositivos que lembram o passado. Numa situação que entende o espaço urbano como lugar de produção da história.

Isso ligado ao fato de que colocar o Einstein na Margem Esquerda teria mais impacto do que posicioná-lo na Praça do Patrocínio, já que as pessoas se questionariam primeiro sobre quem é a figura e qual o sentido dela naquele espaço, gerando um incômodo e demarcando fortemente sua presença que assim não passaria despercebida.

Pensamos, assim como os autores referenciados, que esse tipo de inscrição não se contrapõe a historiografia, mas sim até se aproximam, remodelando formas de ver o passado, atuando diretamente na sua presença nos dias atuais. Tendo em mente que as formas públicas de apresentação do passado alteram a forma com que esse passado passa a ser visto pelas pessoas ao seu redor, pois é muito diferente a relação de conhecer, por exemplo, parte da história do eclipse de 1919 pela estátua de Einstein, do que saber do mesmo fato dentro de uma visita ao Museu do Eclipse, ou em uma sala de aula na escola.

E assim a icônica foto<sup>8</sup> de Albert Einstein tomando sol, recostado em uma pedra, na qual apoia suas duas mãos e cruza as pernas, em setembro de 1939 em Long Island (EUA) foi reproduzida em bronze e instalada na cidade de Sobral e hoje está rodeada por aqueles que almejam ao menos uma *selfie* com o famoso físico. Outro fato é que não

---

<sup>8</sup> Ver mais sobre a foto em: <<https://www.longislandpress.com/2013/02/01/einstein-on-the-beach/>> Acesso: 05/01/2021.

há nenhum tipo de placa informando a história de Einstein com Sobral, então mesmo que alguns não conheçam a história ainda assim se relacionam com o objeto da sua forma, muitas vezes, o abraçando e também direcionando suas lentes fotográficas.

Mas além do estudioso, outra imagem, dessa vez a de um filho de Sobral ganhou as praças da cidade, em 29 de outubro de 2019 foi inaugurada a estátua do cantor e compositor Antônio Carlos Gomes Moreira Belchior Fontenele Fernandes, mais conhecido artisticamente apenas, como Belchior, a homenagem póstuma foi feita três dias após a data que o cantor faria 73 anos. Em abril de 2017, Belchior que vivia em Santa Cruz do Sul (RS), deu seu último adeus à Sobral sua terra natal, sendo velado no Teatro São João e, em seguida, em Fortaleza, local em que foi sepultado.

**Figura 2** - Estátua de Belchior na praça do Teatro São João.



**Fonte:** Montagem feita pelo autor/Gustavo Lopes Fotografias

A estátua revela um Belchior sentado em um dos bancos da praça com as pernas cruzadas fazendo aquilo que o tornou conhecido, tocando seu violão e cantando. O monumento foi inaugurado durante o show “Para Belchior com Amor”, que contou com grupos da Escola de Música de Sobral, apresentando músicas do artista.

É importante ressaltar que Murilo Sá Toledo também foi o responsável pela elaboração da obra que levou por volta de seis meses para ser finalizada, passando pelo processo delicado e demorado saindo do molde em argila, silicone e gesso até ser forjada em bronze, neste caso chegando a 204 quilos.

Diferente da ligação da história de Sobral com a imagem de Einstein, certamente a estátua de Belchior não precisa de maiores indagações dos moradores de porque ela está ali, haja vista, Belchior ser uma figura muito popular e marcante em Sobral, assim

suas músicas sendo uma memória fresca na mente das pessoas possuem ainda mais força para legitimar a presença de sua imagem naquele local. Já a história de Einstein com Sobral tendo passado mais de cem anos do fato, pode ter se perdido um pouco na memória das gerações que foram sucedendo aquele evento ocorrido no começo do século XX, e que na atualidade vem sendo rememorado através de outras formas como nas atividades do ano da ciência no município.

A escolha destas duas personagens é extremamente significativa, e alguns elementos nos causam essa reflexão. Vejamos, as figuras transformadas em estátuas estão no terreno da ciência e da cultura, esferas, muitas vezes, pouco privilegiadas por estados e governos, haja vista as cidades estarem muito mais repletas de bustos de políticos tidos como fundadores de municípios ou de grupos da mesma família que dominam o poder local por muito tempo.

Notamos também a maneira como as estátuas foram postas, em poses informais, casuais, se distanciando do modelo austero das imagens cerimoniais que marcou a iconografia republicana. É importante assinalar que as duas estátuas estão no solo e não em pedestais, permitindo um contato mais direto e amistoso com o transeunte. Viana (2012), comenta essa mudança na representação das personalidades públicas em estátuas, afirmando que elas vem adquirindo, ao longo das últimas décadas, um certo tom descontraído, se afastando da formalidade, diferenciando-se dos bustos e negando as poses soberbas, tais monumentos passam a ser apresentados em situações cotidianas e até mesmo coloquiais, já não as encontramos, exclusivamente, em pedestais, e pelo contrário, eles tomam as ruas, saem pelas calçadas e conversam com os transeuntes.

Explicitando sua fala a partir de exemplos Viana (2012), cita a estátua de Augusto dos Anjos, na Praça Pedro Américo em João Pessoa, na qual o poeta encontra-se sentado escrevendo; o autor lembra também a estátua do ex-presidente Juscelino Kubitschek, na praia da Armação, Búzios (RJ), na qual está sentado numa cadeira, à beira mar, sorridente e com um braço erguido, como se estivesse acenando para quem passa, vestido como se estivesse em casa e com um chapéu em uma das mãos, completamente diferente de sua imagem imponente no Memorial JK em Brasília. Na concepção do autor, essa configuração dos monumentos e estátuas, assinala uma nova forma de mediação de comportamentos sociais, entre os objetos memoriais e a população.

## Considerações finais

Nesse estudo sobre as marcas do passado no presente, tomamos o passado como algo que coexiste no exato momento com o presente, mas ainda assim podemos dissociá-los, através de nossas memórias e sobre a história das coisas que estão ao nosso redor, o que significa que somos capazes de identificar aquilo que estava em um espaço por um longo período de tempo e aquilo que foi inserido recentemente para lembrar de momentos longínquos.

No caso da atuação política, através da agência da Prefeitura Municipal de Sobral, sobre o patrimônio local, observamos que têm-se o objetivo de fazer o passado ser visível a todos que transitam pela cidade, seja através das obras que são realizadas no sítio histórico, ou por meio da implantação de estatuas nas praças, e para tecer considerações sobre isso tomamos como base o fato de que os objetos por si só não são um guia para o passado, eles só passam a fazer sentido quando a comunidade sabe suas origens, o que eles eram, ou o que significam, quais funções tiveram, para assim poderem elaborar formas para seu uso ou não, dessa forma tentamos verificar como são atribuídos sentidos aos espaços na cidade e como estão se inserindo na dinâmica urbana.

Pois, entendemos que os objetos patrimoniais conseguem combinar ao mesmo tempo o passado e o presente, assim existe uma interação, um diálogo com vários passados que permanecerá e poderá ser ativado enquanto as edificações, emblemas, estátuas e outros objetos estiverem de pé, ou presentes na memória das pessoas. Acreditamos que essas marcas do passado que a Prefeitura buscar fazer serem ainda mais visíveis na cidade visa trazer o clima do passado para o ambiente.

Parece-nos que em Sobral, tentou-se criar o ato de fazer parecer que se caminha em uma cidade que faz questão de afirmar que se lembra do seu passado, seja através das reformas de seus belos casarões oitocentistas, ou dos semáforos em estilo colonial instalado ao longo da segunda década do século XXI. Acreditamos que essas intervenções na dinâmica urbana, visam causar um efeito de valorização do passado e ao mesmo tempo de ligação com o presente, de apresentar uma origem e dizer que aquilo ainda faz sentido nos dias de hoje.



## Referências

ABREU, Marcelo; BIANCHI, Guilherme; PEREIRA, Mateus. *Popularizações do passado e historicidades democráticas: escrita colaborativa, performance e práticas do espaço. Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 279 - 315, abr./jun. 2018.

BONETTI, Michel. *A reconstrução do espaço público: a problemática da gestão política e da gestão urbana. Projeto História*, São Paulo, v. 18, 1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONT'ALVERNE GIRÃO, Glória Giovana S; SOARES, Maria Norma Maia. **Sobral: história e vida**. Sobral, Edições UVA, 1997.

OCÓN, Jorge Elices. *Las estatuas también mueren. Patrimonio, museos y memorias en el punto de mira de DAESH. Locus: Revista de História*, 26, n. 2 (2020): 169-192.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O Patrimônio histórico: objeto de pesquisa do historiador. História Unicap*, v. 4, n.º. 7, jan./jun. de 2017.

VIANA, Helder do Nascimento. *Cidades, artefatos e memória pública*. In: ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da; VIANA, Helder do Nascimento. **Cidade e diversidade: Itinerários para a produção de materiais didáticos em História**. Natal/RN: EDUFRN, 2012.

---

**Edcarlos da Silva Araújo**

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professor da rede privada de Sobral.

### **Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/1909512371815873>

---